

UM PEQUENO  
GRANDE AMOR



Fátima Lopes

UM PEQUENO  
GRANDE AMOR

Prefácio de  
Luís Villas-Boas

a esfera  dos livros

A Esfera dos Livros  
Rua Garrett, n.º 19 – 2.º A  
1200-203 Lisboa – Portugal  
Tel. 213 404 060  
Fax 213 404 069  
[www.esferadoslivros.pt](http://www.esferadoslivros.pt)

Distribuição: Sodilivros, SA  
Praceta Quintinha, lote CC4 – 2.º Piso R/c e C/v  
2620-161 Póvoa de Santo Adrião  
Tel. 213 815 600  
Fax 213 876 281  
[geral@sodilivros.pt](mailto:geral@sodilivros.pt)

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© Fátima Lopes, 2007  
© A Esfera dos Livros, 2007

1.ª edição: Setembro de 2007

Capa: Companhia  
Imagem da capa: Getty Images  
Foto da capa: Jorge Nogueira

Revisão: Lídia Freitas  
Paginação: Segundo Capítulo  
Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos

Depósito legal n.º 262 402/07  
ISBN 978-989-626-076-7

*Este livro é dedicado a todos  
os Gonçalves e Estelas*



## PREFÁCIO

O livro que ides ler constitui simultaneamente, um **cântico**, um **apelo** e uma **lição**.

É um **cântico** ao amor que enlaça filhos e pais nas mais belas e mais dramáticas *nuances* que a vida se encarrega de tecer.

Se é verdade que cada criança tem «direito a uma família», não é menos verdade que os pais que as geram têm que ser capazes de corresponder na plenitude ao que deles esperam os seus filhos.

Se há coisa que dói e marca para toda a vida uma criança, é o sentimento de rejeição e a noção de «não-pertença» que tantas vezes lhe é transmitido pelo desamor, egoísmo e sentimento de vingança de pais e mães que se afastam um do outro, para sempre.

É um **cântico** ainda, porque a jovem mãe **Fátima Lopes**, de quem Portugal tanto gosta, consegue ao longo desta obra «tocar no real» que, como dizia Platão, «resiste».

É muito intensa a realidade das vivências descritas e a emoção que as envolve! Filhos e pais, cada um na sua circunstância, dão-nos página a página, testemunho vivo de seus limites e capacidades de amar e de sofrer, como que num exercício interminável de experimentação que faça vingar o amor de que todos carecem e que não tem alternativa.

A autora revela um extraordinário conhecimento do pulsar diferencial dos afectos em cada fase do desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças, que são o núcleo deste seu trabalho.

Este é também um cântico por vezes inquietante para o leitor, fazendo-o revisitar quiçá memórias suas ou doutros seus conhecidos...

**Como apelo**, a autora deixa clara a necessidade de cedência mútua, em favor do superior interesse dos «filhos das tempestades» que desencadearam e não conseguiram depois controlar.

Apelo ainda à compreensão do enorme potencial que as crianças têm de gerir conflitos que as ultrapassam, abrindo caminhos a soluções do antecedente bloqueadas, usando tão somente suas, genuinidade e inocência.

É como se gritassem a cada momento – «amem-nos, por favor»!

«Somos vossos filhos e sê-lo-emos por toda a vida!»

Por último, este trabalho contém lições que espero cheguem a magistrados, psicólogos, educadores, pedopsiquiatras, técnicos sociais e tantos outros a quem respeita a temática da separação parental.

A lição maior é que, sendo licenciada, a autora não tem formação académica especializada em nenhum destes domínios, mas mostra-nos com uma facilidade espantosa como os «domina»...

Fátima Lopes descodifica e ensina-nos, com simplicidade, a valorar a força das crianças, e a reposicionarmo-nos no xadrez das suas vidas, considerando-as como «rei e rainha»!

Quer isto dizer que a «ciência do afecto e da relação» está ao alcance de todos que tenham o entendimento da criança como cidadão de direito, indefesa à nascença, mas progressivamente consciente do seu espaço e dos seus direitos, mesmo que apenas «sabidos pelo coração».

Obrigado, Fátima, por me ter dado a honra de prefaciar esta sua obra.

... Porque «cada criança só tem um tempo de ser criança» e nós adultos, «temos também um só tempo» para ajudar cada uma que de nós precise!

**Quem**, mais do que um filho?

LUÍS VILLAS-BOAS

*Psicólogo Clínico*

*Director do Refúgio Aboim Ascensão*



## AGRADECIMENTOS

**P**ara construir estas histórias, tive de ouvir muitas outras, relatadas por amigos e conhecidos, que aceitaram falar-me das suas separações e dos filhos, das angústias, dos medos, das alegrias e tristezas. A todos eles, que preferem ficar no anonimato, o meu obrigada.

Aos vários convidados que passaram nos programas que apresentei, para relatarem os seus casos, dentro do tema «filhos de pais separados», o meu agradecimento pela forma verdadeira, directa e emocionada, com que falaram das suas experiências.

Ao Dr. Luís Villas-Boas, director do *Refúgio Aboim Ascensão* e meu grande amigo que, confiando em mim, aceitou de imediato escrever o prefácio deste livro, sem ainda o conhecer.

Por último, registo aqui um agradecimento muito especial ao Dr. Paulo Sargento, psicólogo e professor da Universidade Lusófona e homem largamente experiente na área da mediação familiar. Disponibilizou muitas horas do seu precioso tempo para conversar comigo e esclarecer todas as dúvidas que me foram surgindo, relacionadas com os comportamentos das minhas personagens, ou seja, os comportamentos dos pais e dos filhos. Foi com a ajuda dele que o Gonçalo e a Estela foram crescendo.

Escrever este livro fortaleceu a minha convicção de que, nos casos de separação, o bom senso é a varinha mágica para construir a felicidade dos filhos.

## INTRODUÇÃO

# UM FILHO É PARA TODA A VIDA

**E**sta frase pode parecer demasiado óbvia, mas a verdade é que não o é para muita gente. Todos nós sabemos que há cada vez mais casais divorciados. Que muitos deles deixam os filhos para segundo plano ou transformam-nos em arma de arremesso, também já não é novidade, embora poucos sejam capazes de o reconhecer.

É caso para perguntar: onde pára o bom senso e a razoabilidade? Porque é que os filhos são utilizados, maltratados, manipulados e ignorados, quando um dos progenitores se sente despeitado ou quer vingança a todo o custo? Falar em maus tratos não é um exagero. Como se sentirá uma criança ou um adolescente a quem não é permitido ter uma imagem positiva do pai ou da mãe? Que mecanismo de defesa precisa de criar para sobreviver num ambiente onde está proibido de se identificar, agir ou pensar, com um dos seres que mais ama? O que é que vai na cabeça de um jovem que, devido à falta de atenção e afecto, chega ao ponto de se sentir um estranho na casa de um dos pais?

À nossa volta não faltam casos. Neste livro conto duas histórias. A do Gonçalo e a da Estela que têm em comum serem filhos de pais separados. Decidi deixar de fora destas duas histórias a acção da polícia e referir os tribunais apenas o estritamente necessário. Isto porque ser obrigado a recorrer

à ajuda da polícia, para conseguir ver um filho e serem assim respeitados os direitos que assistem aos pais e aos filhos, é sinal de que algo vai profundamente mal nas cabeças das pessoas que assumem a responsabilidade de ter um filho. E porque é que os tribunais são referidos nestas páginas, apenas o «quanto baste»? Exactamente para contrastar com os muitos casos de pais que, sem razão que justifique, não dão um passo sem recorrer a um tribunal. Podemos pensar que os pais, nessas situações, se transformam após a separação em criaturas incapazes de tomar decisões com bom senso e totalmente desconhecedoras do significado do verbo «comunicar». Por estas razões achei que ir por esses caminhos era ignorar todas as outras histórias que, apesar de exteriormente não revelarem um dramatismo tão grande, são vividas de forma igualmente dolorosa e intensa.

O que a mim sempre me incomodou foi ver pais perderem este tão necessário bom senso, esquecendo-se que um filho não é uma arma de ataque, mas apenas e simplesmente, um filho. Enquanto se desperdiça tempo e energia nestas guerras, desperdiça-se também a oportunidade de fazer de um filho uma pessoa feliz.

Como é do conhecimento público, tenho uma filha do meu primeiro casamento e por isso sei que a separação não impede que pai e mãe continuem a remar no sentido da felicidade dos filhos.

## 1.

Sérgio e Margarida começaram o namoro na adolescência e juntos deram os primeiros passos no território dos adultos.

As gargalhadas de Margarida eram irresistíveis. Desde menina que se habituara a abrir portas com a sua simpatia e franqueza. Brindava sempre as pessoas que acabava de conhecer com um sorriso. Era uma mulher emotiva, sensível, muito apegada ao seu universo de afectos, mas ao mesmo tempo insegura. Esta insegurança manifestava-se na relação que tinha com as pessoas. Mesmo com as que lhe eram mais próximas, Margarida tinha uma enorme dificuldade em enfrentá-las quando estas faziam algo que a magoava. Faltava-lhe coragem ou se calhar maturidade e, quando assim era, fechava-se em si mesma, incapaz de voltar a dar-se da mesma forma. Ao longo dos anos, foi-se afastando de um ou outro amigo que a desiludiu.

A verdade e a honestidade eram as cores da sua bandeira. Margarida sempre se ancorou muito nas amizades de infância que perduraram ao longo da vida. Em casa dos seus pais era habitual juntar um grupo de três ou quatro raparigas, que ali ficavam na conversa e na risota durante tardes inteiras, conversando sobre o que acontecia nas suas vidas e fantasiando sobre o que sonhavam para o seu futuro.

Fisicamente, Margarida era uma jovem igual a tantas outras. Tinha cabelo preto comprido e muito brilhante, olhos negros e pele morena. A estatura baixa não a ajudava a destacar-se. Acabava por ser sempre a sua simpatia e frescura a atraírem os outros.

Sérgio, pelo contrário, mostrava-se sempre uma pessoa muito séria, segura e confiante, que convencia facilmente todos sobre as suas certezas. Não gostava de ser afável logo no primeiro contacto, esperando que o outro provasse que merecia confiança para um tratamento mais afectuoso. Era uma pessoa desconfiada, por natureza. Com a família e os amigos, baixava as armas e revelava-se um homem simpático e brincalhão. A sua aparente aptidão para diferenciar automaticamente o certo do errado atraía Margarida, que se sentia segura ao seu lado, vendo-o como um pilar inabalável da sua vida. Sérgio era um homem muito bonito: o cabelo louro, os olhos azuis e a pele branca levavam-no muitas vezes a ser confundido com um estrangeiro.

Juntos, Sérgio e Margarida, pareciam o espelho da harmonia perfeita. Tinham poucos, mas bons amigos, que vinham da infância e da escola secundária, com quem gostavam de organizar jantares e noites de dança. Já na faculdade, ela de Gestão, ele de Engenharia, começaram a ganhar algum dinheiro com as explicações que davam a estudantes mais novos, podendo assim, com maior frequência, assistir a concertos e espectáculos, já que os recursos económicos das respectivas famílias não eram grandes. Os dois sabiam valorizar bem os seus pequenos ganhos.

A nível familiar, a relação do casal foi sempre pacífica, havendo desde o início uma total aceitação por parte dos pais, que queriam vê-los felizes. Margarida e Sérgio formaram-se aos 23 anos, entrando no mercado de trabalho. Quando conseguiram a sua independência económica, marcaram a data do casamento. Margarida sempre sonhara com a sua vida de casada, imaginando uma sintonia com o seu amor, uma felicidade completa e total. Olhava para Sérgio e sentia uma segurança inabalável. Tinha a certeza de conseguir com ele

realizar todos os seus sonhos. Era a pessoa certa para a fazer feliz. Pensava ela...

Depois de casados, foram viver para uma casa alugada, muito pequena, num bairro típico de Lisboa. Compraram as coisas básicas para viver e decidiram que, aos poucos, decorariam a casa de uma forma moderna, apostando no *design* italiano. A chegada dos sofás, dos candeeiros e dos cortinados, foi motivo de grande excitação. Empenhavam-se em tornar a sua casa num espaço acolhedor. Adoravam a casa e apesar de não terem gasto muito dinheiro, tinham sabido decorá-la bem, fazendo-a parecer maior do que era na realidade.

Apesar de já namorarem há seis anos estranharam a vida de casados. Tinham crescido habituados a ver os amigos e vizinhos entrar em casa dos pais, a toda a hora, sem se fazerem anunciar. Agora, o que maior estranheza lhes causava era o facto de serem apenas os dois. Havia um silêncio novo, um pouco perturbador, que o entusiasmo de construir uma vida a dois acabava por relativizar. Ou talvez não...

Os primeiros três meses de casados foram bastante harmoniosos, com o casal empenhado em perceber o funcionamento um do outro e a manter o bem-estar. Saíram algumas vezes para namorar e estar com os amigos, o que também os deixava felizes. No final, sabia-lhes bem chegar a casa, à paz do seu lar.

Findo este primeiro período idílico, inexplicavelmente, as coisas começaram a mudar. O namorado prestável, doce e carinhoso, parecia ter desaparecido. Sérgio chegava muitas vezes mal-humorado a casa e Margarida raramente conseguia saber porquê. Imaginava que algo tinha corrido mal nesse dia, mas punha também a hipótese de ter feito ou dito algo que desencadeasse aqueles comportamentos de indiferença e até agressividade. Margarida sentia-se insegura. Revia o que tinha feito e dito a Sérgio nos dias anteriores, tentando localizar a origem de tão grande indisposição. Sensível como era, tinha dificuldade em viver a rejeição. Sérgio parecia ter prazer em responder de forma a fazê-la sentir-se

estúpida e, com o passar do tempo, Margarida acabou por acreditar que era intelectualmente inferior. As respostas eram sempre as mesmas:

– Então como foi o teu dia? – perguntava Margarida.

– Passou-se – respondia Sérgio, secamente.

– Humm... não estás bem! O que é que aconteceu?

– Nada! Não tenho nada! – disparava Sérgio agressivamente. Se Margarida insistia, ele limitava-se a arregalar os seus pequenos olhos azuis.

Margarida assustava-se com a rispidez da resposta e a reacção de desprezo. Ao princípio questionava-se se valia a pena insistir ou esperar por marés mais tranquilas. As poucas vezes que decidiu insistir, concluiu rapidamente que era tempo perdido:

– Meu amor, deve haver um motivo para estares assim tão irritado, não?!

– Não sei o que se passa comigo. Deixa-me estar! Não me digas nada! – Afinal, Margarida não conhecia Sérgio tão bem quanto pensava.

É claro que Margarida, como qualquer ser humano, também tinha dias menos bons, mas sabia que tinha de dar a volta ao seu estado de espírito, antes de chegar a casa. Sérgio irritava-se quando a sentia aborrecida. Margarida não lhe escondia as razões pelas quais o dia não lhe tinha corrido da melhor forma, mas ele achava sempre que os motivos não justificavam o seu estado.

– E é preciso estares assim? – perguntava ele.

– Então não é? Passo três noites a fazer o relatório que tinham pedido para entregar hoje e depois de o entregar, fico a saber que afinal tenho mais um dia, porque uma menina do nosso departamento, muito boa a engraxar, não conseguiu terminar a tempo! Sinceramente! Se não tinha capacidade, assumia.

– Ainda tens muito para aprender! Quando te fizerem meia dúzia dessas, talvez já consigas ver as coisas de um outro modo.

No fundo Sérgio achava que a sua mulher era fraca e tinha uma expectativa excessivamente positiva em relação às

peças. Quando Margarida persistia num ponto de vista diferente do de Sérgio, este acabava por se irritar violentamente, porque no fundo não suportava que o contrariassem ou que defendessem uma opinião diferente da sua. Às vezes dava a sensação que o seu maior prazer era contrariar. Só desistia quando Margarida lhe dava razão ou se calava.

Ao fim de algum tempo, e com os seus sentimentos e análises a serem sistematicamente desvalorizados, Margarida passou a abster-se de partilhar aquilo que a angustiava. À pergunta «o que é que tens?» ela respondia «nada». Ao princípio ainda se esforçava por disfarçar o seu estado de espírito, mas aos poucos deixou de o fazer. Contudo, nem mesmo assim Sérgio tentou aproximar-se da mulher, saber o que a perturbava e dar-lhe um pouco de mimo, que tanta falta lhe fazia.

Sérgio conseguia fazer com que ela muitas vezes se sentisse mal, dentro da sua própria casa. Continuava a não partilhar os seus aborrecimentos nem a verbalizar as razões do seu aze-dume. Limitava-se a rejeitar a mulher em cada tentativa de aproximação.

Numa das noites em que Sérgio chegou do emprego terrivelmente maldisposto, Margarida tinha trazido trabalho para casa. Depois do jantar, sentou-se ao computador a trabalhar, mas a determinada altura pediu ajuda ao marido. Estava a usar um programa que ainda não dominava e que Sérgio conhecia bem. Margarida pedia-lhe muitas vezes ajuda para perceber determinados assuntos ou esclarecer qualquer dúvida. A primeira reacção era sempre de total prontidão, mas ao primeiro «não percebi» Sérgio irritava-se e perdia a paciência.

– O que é que não percebes? – perguntou Sérgio.

– Como é que faço aqui o cálculo dos valores?

– Não te tinha já explicado isso no outro dia? – perguntou, incrédulo.

– Já... mas entretanto esqueci-me.

– Bem, vamos lá explicar outra vez! A ver se desta vez percebes... – disse, já um pouco enfasiado e com o semblante carregado.

Os esclarecimentos eram dados com tão pouca vontade que acabavam por não ser muito claros. Margarida tinha medo de não entender à primeira e ter de se ver na situação de colocar mais alguma questão.

– Bom... acho que percebi. Deixa-me fazer uma vez para ver se está bem.

Assim que iniciou a operação Sérgio interveio de imediato:

– Nãooo! Bolas! Não te disse que primeiro tens de posicionar o cursor aqui e só depois inseres os números?

Margarida confirmou com a cabeça e depois de ele exemplificar mais uma vez, agradeceu-lhe, dizendo que estava esclarecida. Margarida acabava sempre por se sentir inferior e ele, percebendo isso, cultivava a sua falsa superioridade dentro de casa.

Sérgio voltou para o sofá e continuou a sua leitura num profundo silêncio, entrecortado com alguns suspiros profundos. Perto da meia-noite levantou-se e foi-se deitar, sem nada dizer.

Sempre que o marido chegava a casa com um estado de espírito adverso, Margarida optava por fazer as suas coisas da forma mais silenciosa e imperceptível possível. Na cozinha evitava fazer barulho, não punha música e quando se sentava na sala ao lado de Sérgio, que normalmente estava refugiado nos seus livros, prescindia do som da televisão ou da mudança de canal, para não o perturbar. Após vários episódios deste género e muitos serões passados em total silêncio, Margarida começou a suspeitar seriamente que afinal não conhecia Sérgio tão bem quanto julgava. Pensou várias vezes em falar-lhe daquilo que a estava a deixar infeliz naquela relação, mas não sentia coragem. Estava plenamente consciente do medo que tinha do marido. Talvez porque nunca tinha tido na sua vida um homem que lhe falasse daquela maneira, não sabia como reagir. Um dia, sem saber como, quando estavam deitados, ganhou coragem:

– Sérgio, preciso de falar contigo...

– O que é? – perguntou intrigado.

– Só falo se prometeres que me vais ouvir até ao fim, sem me interromperes e... com calma.

– Eu prometo – disse, com ar tranquilo.

Com esta garantia, Margarida optou por ser o mais directa possível:

– Tenho andado a sentir-me infeliz...

– Mas...

– Desculpa, mas pedi para não me interromperes!

– Sim... continua.

– Dizia eu, que tenho andado a sentir-me infeliz. Não sei o que se passa contigo, mas és sempre tão frio comigo. É tão raro chegares a casa com um sorriso, tratares-me com mimos, como fazias antigamente. Por tudo e por nada, respondes-me torto, pareces incomodado com a minha presença e sinto que te irrita só por estar no mesmo espaço que tu...

– Isso não é verdade...

– O que eu estou a dizer ou o que tu sentes?

– Tu não me irritas por estares no mesmo espaço que eu... não sei porque é que às vezes reajo como reajo. Sei que não ando satisfeito com o meu trabalho... e quando chego a casa não tenho paciência nenhuma.

– Mas a tratares-me assim não resolves nada e só crias outros problemas. Como é que achas que me sinto? Se queremos ser felizes os dois, não podemos deixar que estas coisas aconteçam. Eu não estou habituada a ser tratada com esse desprezo e por isso peço-te que repenses as tuas atitudes.

– Desculpa, meu amor. Eu sei que tens razão... Prometo que vou estar atento e que me vou empenhar em mudar.

Adormeceram agarrados e Margarida acreditou que tudo seria diferente dali para a frente. E de facto, durante algum tempo tudo esteve melhor, mas aos poucos o ambiente estranho e pesado voltou a entrar naquela casa e naquela relação. Margarida queria ter coragem para voltar a falar com o marido, mas não conseguia. Tinha esperança que desta vez fosse o próprio Sérgio a reconhecer que assim não conseguiam ser felizes e a pedir-lhe colaboração para juntos ultrapassarem as dificuldades. Muitas vezes dava por si a lembrar-se dos tempos de namoro e de tudo o que na altura projectara em

relação a este casamento. Na sua cabeça, casamento era igual a felicidade e significava para toda a vida. Daí continuar a acreditar que chegaria o momento em que inevitavelmente as duas agulhas se acertariam.

Para não desistir, Margarida passou a aproveitar, o melhor possível, os dias e as semanas em que Sérgio estava bem. Quando ele a acarinhava e a tratava com doçura, Margarida correspondia, procurando carregar as baterias, para o caso dos tempos adversos ainda não terem terminado definitivamente.

Quando às vezes lhe passava pela cabeça questionar se ainda amava o marido, culpabilizava-se de imediato, afastando tal hipótese. Acreditava que o marido a amava, porque se assim não fosse, não fazia para ela sentido permanecer casada. Mas por outro lado, não percebia que estranha forma era esta de amar.